

Título: Política, neurociência e governos de misérias

Primeiras anotações¹

Saete Oliveira

Hoje, crianças que ainda nem nasceram em um sertão miserável, do nordeste no Brasil, são monitoradas já como fetos e matriculadas na escola durante a gestação. Elas passam a compor o denominado “banco de cérebros”. Uma das formações iniciais deste *banco* faz parte do grandiloquente projeto levado a cabo pelo Instituto Internacional de Neurociências de Natal – Lilly e Edmond Safra (IINN-LS), coordenado por um neurocientista de projeção internacional, premiado, em 2010, pelo Instituto Nacional de Saúde (NIH) dos EUA e concedido pelo governo estadunidense na área de neurociências.

O “banco de cérebros” é um dos produtos no interior dos experimentos do *Programa Educação Toda Vida*, já em fase de implantação em Macaíba (Natal), onde está sediado o IINN-LS, e no município de Serrinha (BA). Este programa é apenas um dos espaços de um projeto mais amplo que tem por objetivo “massificar” o conhecimento de ponta, ampliando o acesso à formação científica concomitante à criação de polos de ciência nas chamadas regiões de baixo desenvolvimento humano, conectando saúde e direitos, políticas e seguranças.

Problematizar este *empreendimento* exige enfrentar e afrontar os atuais investimentos nos governos das misérias e seus efeitos políticos que, em nome de uma educação científica acoplada ao desenvolvimento sustentável, intensificam novos monitoramentos de controles que avançam sobre crianças e jovens.

Controle, cibernética e neurociência

Anotação inicial

Uma das procedências da cibernética, sob os efeitos da II Guerra Mundial, sinalizava, ainda naquele momento, para a afirmação de uma ciência acoplada às

¹ Este relatório específico corresponde às primeiras anotações do esboço de texto que foi apresentado no Simpósio Temático 456 - *Ecopolítica. governamentalidade planetária, novas institucionalidades e resistências na sociedade de controle*, Coordenador: Edson Passetti, no 54 Congresso Internacional de Americanistas (ICA) “Construindo Diálogos nas Américas. Viena, Áustria, 15 a 20 de julho de 2012.

tecnologias de informação voltada às práticas de “organização da vida”. Ainda se tratava de algo distante e diferente do que vivemos hoje, mas que já prenunciava a passagem de modelos para modulações que incidiriam primeiro na medicalização do controle para, posteriormente, passar a investir em disputas compartilhadas em torno do controle da segurança vinculado à proliferação de direitos, voltados hoje às restaurações do governo do vivo.

Nos anos 1980, os ensaios de experimentos nas três décadas anteriores derivaram em deslocamentos produzidos pela *convergência* entre cibernética e informação sob a forma de *interfaces cérebro-máquina* e levaram às modulações mais definidas em torno da relação política de novos governos. Já sob os efeitos dos investimentos sobre o “capital humano”, em especial, dentre outros, vale destacar, de acordo com as análises de Foucault (Foucault, 2007: 268-269) as derivações da teoria do capital humano e racionalidade neoliberal embasadas na genética e no racismo enquanto problema político a ser enfrentado no presente diante do fato disto se mostrar como grande aposta política para atualidade.

Os anos 1990 viriam a ser conhecidos como a década do cérebro, com destaque para as neurociências e ênfase, em especial, na neurociência cognitiva. No início da primeira década do século XXI, os efeitos políticos do atentado de 11 de setembro e o chamado combate ao terrorismo, aceleraram o “Programa *Communicator*”, sob a forma do “Projeto Cognoma Humano”, lançado então em NY, que dentre várias frentes vieram sofisticar a produção do chamado *cybersoldado*, envolvendo pesquisas financiadas pela DARPA/EUA. Distantes da vigilância disciplinar e diante de novas convergências conectadas por *combinações sinérgicas* por meio de um *trabalho conjunto*, associa o nano, o bio, o info, o cogno, o neuro e uma novíssima velha psiquiatria.

Hoje neurocientistas de ponta avançam suas pesquisas em busca do reverso complementar e simultâneo da *interface cérebro máquina*, agora sob a forma de *interfaces cérebro-máquina-cérebro* (FAPESP, 2010: <http://agencia.fapesp.br/12546>), perseguindo aquilo mesmo que anunciam: “o cérebro se libertou do corpo” (Nicoletis: 2011a). Usam desta mesma afirmação, simultaneamente, para arregimentar um imenso aparato científico-tecnológico associado também à monitoramentos remotos; vinculado à expansão dos chamados direitos inclusivos; nutridos pela proliferação de dispositivos de segurança; atrelado ao alinhamento de investimentos em torno de governos de misérias.

No presente, um problema inegociável está posto e exige ser enfrentado: como arruinar protocolos de interfaces de governos dos monitoramentos remotos, cujos baixos começos, incidem sobre crianças e jovens e que se inicia já sobre fetos monitorados e matriculados na escola durante a gestação, articulando uma nova forma que adquire o funcionamento do governo das misérias?

É preciso se deter em deslocamentos específicos atuais da relação governo-verdade na emergência de *novas governamentalidades* (Passetti, 2011), conectadas a escopos de pesquisas recentes, que apontam para o investimento no mapeamento de imagens cerebrais e no funcionamento de programas de monitoramentos ordinários de controle por meio da gestão de governos compartilhados que atravessam conexões entre investimentos científicos de ponta e distensões de governos de misérias.

Política e neurociência: dos monitoramentos remotos ao[s] governos de misérias

Breves anotações 1

A cidade nordestina de Natal, capital do Rio Grande do Norte -BR, sedia um dos mais importantes institutos de neurociências do país, o Instituto Internacional de Neurociências de Natal – Lilly e Edmond Safra (IINN-LS), coordenado pelo neurocientista Miguel Nicolelis, “cotado” entre os 20 mais importantes cientistas do planeta na atualidade.

O título do instituto já explicita seu comprometimento e de Nicolelis com banqueiros, empresários, Estado e a proteção da segurança do regime da propriedade e dos proprietários; de Nicolelis e dos beneméritos a serviço da ciência, dos governos e do planeta, voltados mais do que nunca aos filões de investimentos em torno de negócios promissores.

“O Brasil tem condições de ser, na área de biotecnologia, o que a Índia é para a Tecnologia da Informação. Se quisermos, podemos aceitar os contratos de multinacionais, que querem terceirizar a pesquisa, porque não aguentam mais pagar a conta do Primeiro Mundo. Fazer o que a Índia fez. Capturar esse dinheiro de terceirização e investir. Os grandes empresários indianos ganharam muito dinheiro com os call centers. Mas eles tiraram um pedacinho do lucro e investiram em educação básica, nas favelas de Bombaim... Hoje, aqueles que foram educados com o dinheiro dos call centers estão produzindo chips, desenvolvendo softwares. O Brasil pode seguir o exemplo indiano. (Nicolelis, 2007:

<http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2007/01/427/vendedor-de-sonhos>).”

Um dos grandes atrativos hoje, na esteira do chamado “desenvolvimento sustentável” como continuidade simultânea do capitalismo, é deslocar os investimentos para espaços que passaram a ser designados como “lugares e regiões de baixo índice de desenvolvimento humano”. E esta é a prerrogativa circunstancial utilizada por Nicolelis para justificar não somente a escolha pela cidade de Natal para transferir tal investimento científico de ponta, como principalmente ter definido a miserável cidade de Macaíba como balão de ensaio do programa *Educação para toda vida*, conjuntamente com sua sucursal na cidade de Serrinha, situada na região sertaneja do recôncavo baiano.

Tanto a implantação do instituto, esboçada a partir de 2003, como os projetos e programas derivados e subjacentes a ele encontram-se na esteira das negociações firmadas e consolidadas a partir do apoio de Nicolelis às gestões Lula e Dilma. Disto adveio também a escolha do neurocientista pelo nordeste do país.

“Pretendemos criar centros de pesquisa pelo Norte e Nordeste, em regiões com os piores índices de desenvolvimento humano do Brasil, lugares onde nenhum pesquisador da USP colocaria o pé. O Centro de Biotecnologia Alimentar, o próximo que quero fazer, será no sul do Piauí, onde há os primeiros registros da civilização brasileira, na Serra da Capivara. A fronteira agrícola está se aproximando do local, mas ainda se passa fome por lá. Em volta dele, vamos criar um polo de projetos sociais, semelhante ao que será inaugurado, em fevereiro, em Natal. Será o primeiro projeto de educação científica infanto-juvenil do Brasil, para crianças da rede pública. Também vamos abrir um centro de saúde materno-infantil em Macaíba, um centro educacional para adolescentes e adultos. Teremos pesquisa de ponta em neurociência ao lado das ações sociais. Essas crianças vão navegar no meio da criatividade. Se um garoto revelar-se um gênio da astronomia, ele não vai precisar fazer Física na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Será o nosso astrônomo” (Nicolelis, 2007, <http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2007/01/427/vendedor-de-sonhos>).

Nordeste-BR via EUA.

Desde 1994, Nicolelis mantém um de seus outros pés muito bem assentados na Universidade de Duke, Carolina do Norte-EUA, onde é co-diretor de um laboratório de neurociências, não só subsidiado nos EUA por inúmeras doações privadas, mas, principalmente, atrelado ao governo estadunidense e seu departamento de segurança, por meio de convênio com a NASA, que patrocina suas principais pesquisas conectadas, também, às expansões de experimentos siderais.

Os efeitos políticos de suas pesquisas em torno das *neuromodulações* e da *neuro-plasticidade* do cérebro (FAPESP, 2008:

<http://www.revistapesquisa2.fapesp.br/?art=3508&bd=1&pg=1&lg=>) em conexão com *monitoramentos remotos* vão muito além do Parkinson (FAPESP, 2009: <http://agencia.fapesp.br/10251>), da macaca Aurora que lhe rendeu ser capa da Revista *Nature* ou do exoesqueleto (FAPESP, 2008: <http://agencia.fapesp.br/8557>) restrito à recuperação de movimentos de pessoas paralisadas e prometido, em meio a seu marketing pessoal, para ser lançado na próxima Copa do Mundo sediada no Brasil, quando uma criança tetraplégica revestida pela tal “veste” e com um ship introduzido na cabeça conectado a inúmeros eletrodos fincados em seu cérebro na profundidade de 3 mm caminhará em campo dando o pontapé inicial da partida. Só um dos inúmeros projetos dirigidos por Nicolelis, na Universidade de Duke, recebeu 26 milhões de dólares de financiamento da DARPA/EUA (www.duke.edu/web/thread/1.../supersoldiers.htm).

No caso do Brasil e do estabelecimento de parcerias internacionais consorciadas a partir da universidade de Duke, não é de se negligenciar que Nicolelis tenha optado pela conveniente designação de OSCIP para definir a rubrica oficial do instituto, cunhando assim seu empreendimento político, científico, econômico e social no país. Dentre outras fontes de financiamento, o IINN-LS recebe doações intermediadas pela Fundação AVINA, da qual Nicolelis, não por coincidência, é sócio-líder na categoria empreendedorismo-social na América Latina para a região do nordeste-BR.

E a projeção de multiplicação do programa *Educação para toda vida* se mostra como a primeira das 15 metas elencadas pelo neurocientista em seu *Manifesto da Ciência Tropical: uso democrático da ciência para transformação social e econômica do Brasil*, lançado em outubro de 2010 (Nicolelis, 2010: Manifesto da Ciência tropical). No momento de seu lançamento Nicolelis, também partidário de “metas” e “agendas”, fez questão de ressaltar que o que ele intitula de “Ciência Tropical” vai ditar a agenda mundial do século XXI.

“A sustentabilidade é uma questão política, com debate superficial e pouca realização concreta. A única saída para a espécie humana é a criação de uma governança mundial (...) Como cientista, vejo a sustentabilidade como uma meta importante (...)” (Nicolelis, 2010: <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/38/textos/1187/>).

Em novembro de 2010, Nicolelis funda a primeira cátedra latino-americana de neurociências, intitulada Cátedra Bernardo Alberto Houssay de Neurociência e Inclusão

Social (<http://unila.edu.br/node/401>), enfatizando, espertamente, consoante ao que preconiza no Manifesto Tropical que é preciso fomentar a formação científica de pesquisadores voltados ao empreendedorismo e em paralelo disseminar e consolidar os investimentos de desenvolvimento social voltados à participação cidadã, começando pelas crianças e jovens, filhos destes homens e mulheres miseráveis.

Macaíba, canteiro de obras

“Como cientista, eu vivo de fatos. Fatos e dados que analiso para produzir uma conclusão. (...) O interessante é que outro dia estávamos em Macaíba, em nossa construção, e o nosso chefe de obras estava lá... Ele ficou um ano desempregado e voltou a trabalhar nessa construção do Instituto Mental. Perguntaram para ele: “E aí, seu Felipe, o que senhor acha de tudo o que está acontecendo?” Ele respondeu: “No Brasil, já tentamos sociólogo, médico, tentamos de tudo. Eu vou continuar votando no semi-analfabeto, porque hoje eu como frango” (risos). (Nicolelis, 2007: <http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2007/01/427/vendedor-de-sonhos>).

Sob o riso hipócrita do cientista que “conclui” e “vive de fatos” ou do conformismo instalado no presente, está-se diante, hoje, de arranjos políticos que funcionam sob a desfaçatez dividida e compartilhada na fatia de negócios, nos assujeitamentos por alguma migalha de melhoria, pelo credenciamento em uma modalidade de bolsa qualquer, das de pesquisa às de administração da pobreza, no compasso de espera por um quinhão volumoso ou por um naco de carne.